

# APRENDER ATIVAMENTE: PERSPECTIVAS CRÍTICAS SOBRE AS METODOLOGIAS ATIVAS NA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA

*ACTIVE LEARNING CRITICAL: PERSPECTIVES ON ACTIVE METHODOLOGIES IN  
CONTEMPORARY EDUCATION*

**Claylson Ferreira Martins**

MUST University, Estados Unidos

**Soraia Moraes Farias**

MUST University, Estados Unidos

**Jéssica Maila Milani**

MUST University, Estados Unidos

**Sandra Maria Martins Pinto**

MUST University, Estados Unidos

**Jaqueline Marcela Flegler Rissari**

MUST University, Estados Unidos

**Dileusa Maria da Silva Pires**

MUST University, Estados Unidos

**Andréia de Cássia Mesavila**

MUST University, Estados Unidos

ISSN: 1518-0263

DOI: <https://doi.org/10.46550/srwca752>

Publicado em: 10.07.2025

**Resumo:** A busca por práticas pedagógicas que respondam às demandas contemporâneas impulsiona o interesse pelas metodologias ativas, que propõem uma inversão na lógica tradicional de ensino. Ao centralizar o estudante no processo de aprendizagem, essas abordagens valorizam a autonomia, a reflexão crítica e a construção colaborativa do conhecimento. O presente artigo tem como objetivo geral analisar a caracterização e os sentidos atribuídos às metodologias ativas na produção acadêmica recente sobre educação. A pesquisa, de cunho qualitativo e abordagem bibliográfica, realizou um levantamento em bases como SciELO e CAPES, com a seleção de treze artigos científicos. Os resultados evidenciam a diversidade de concepções e práticas relacionadas às metodologias ativas, destacando-se estratégias como sala de aula invertida, aprendizagem baseada em problemas e uso de tecnologias digitais. O estudo aponta para a necessidade de maior clareza conceitual e aprofundamento teórico, ao mesmo tempo em que reconhece o potencial dessas metodologias na promoção de uma aprendizagem mais significativa e crítica. A análise permite refletir sobre os caminhos possíveis para o fortalecimento de uma cultura pedagógica centrada no protagonismo discente.



**Palavras-chave:** Metodologias ativas. Aprendizagem ativa. Tecnologia educacional. Ensino centrado no estudante. Estratégias pedagógicas.

**Abstract:** The search for pedagogical practices aligned with contemporary demands has driven interest in active methodologies, which challenge the traditional logic of teaching. By placing the student at the center of the learning process, these approaches value autonomy, critical thinking, and collaborative knowledge construction. This article aims to analyze how active methodologies are characterized and understood in recent academic literature on education. This qualitative, bibliographic study surveyed databases such as SciELO and CAPES, selecting thirteen scientific articles. The findings reveal a wide range of conceptions and practices related to active methodologies, with strategies such as the flipped classroom, problem-based learning, and the use of digital technologies standing out. The study highlights the need for greater conceptual clarity and theoretical depth while recognizing the potential of these methodologies to foster more meaningful and critical learning. The analysis encourages reflection on possible paths to strengthen a student-centered pedagogical culture.

**Keywords:** Active methodologies. Active learning. Educational technology. Student-centered teaching. Pedagogical strategies.

## 1 Introdução

O cenário educacional do século XXI tem sido marcado por rápidas transformações sociais, culturais e tecnológicas que exigem da escola respostas mais flexíveis, criativas e participativas. A emergência de uma geração conectada digitalmente, habituada à interatividade e ao acesso instantâneo à informação, impõe um redirecionamento nos modos de ensinar e aprender. Nesse contexto, as metodologias ativas surgem como alternativa ao modelo tradicional, com foco na construção coletiva do conhecimento e na valorização da autonomia estudantil.

A relevância do tema se justifica pela crescente valorização do protagonismo discente como elemento central do processo pedagógico. Em oposição às práticas centradas na transmissão unidirecional de conteúdos, as metodologias ativas propõem estratégias que estimulam a participação, a resolução de problemas, a colaboração e o pensamento crítico. Tais abordagens, embora cada vez mais presentes no discurso educacional, ainda carecem de definições consensuais e de fundamentação teórica sólida que oriente sua efetiva implementação nas escolas.

O presente estudo tem como objetivo geral analisar a caracterização e os sentidos atribuídos às metodologias ativas na produção acadêmica recente sobre educação. Para tanto, foram definidos dois objetivos específicos: identificar os principais conceitos e referenciais teóricos utilizados para fundamentar as metodologias ativas e mapear as estratégias pedagógicas classificadas como metodologias ativas nos artigos analisados.

A investigação foi conduzida por meio de pesquisa bibliográfica e documental, com abordagem qualitativa e caráter exploratório. Foram utilizados como fontes artigos científicos indexados nas bases CAPES e SciELO. Os dados obtidos foram sistematizados e analisados a partir da leitura crítica dos textos, observando-se as convergências e divergências teóricas presentes na literatura.

Estudos recentes apontam para a importância de compreender as metodologias ativas não apenas como um conjunto de técnicas didáticas, mas como parte de uma concepção pedagógica que rompe com a lógica da passividade e da fragmentação do saber. Com efeito, observa-se um movimento de ressignificação do papel do professor, que passa a atuar como mediador e facilitador da aprendizagem, ao invés de mero transmissor de conteúdos.

A integração de tecnologias digitais às práticas pedagógicas tem contribuído para a ampliação das possibilidades de aplicação das metodologias ativas. A sala de aula invertida, por exemplo, tem sido associada ao uso de plataformas online que permitem ao estudante acessar os conteúdos de forma autônoma e interativa. Esse tipo de estratégia, porém, requer uma reconfiguração do tempo e do espaço escolar, bem como uma preparação docente adequada.

Não obstante os avanços, persistem desafios significativos, como a resistência de alguns profissionais da educação, a infraestrutura limitada em determinadas instituições e a necessidade de revisão curricular. Além disso, há controvérsias quanto à eficácia das metodologias ativas em diferentes contextos e níveis de ensino, o que reforça a importância de estudos que aprofundem essa discussão de forma crítica e embasada.

O artigo está estruturado em sete capítulos. Após esta introdução, apresenta-se a metodologia empregada, seguida da análise teórica e empírica em três capítulos que discutem os fundamentos, aplicações e limitações das metodologias ativas. Em seguida, são apresentados os resultados e a discussão, com destaque para os achados da revisão bibliográfica. Por fim, as considerações finais sintetizam as contribuições do estudo e apontam possibilidades para investigações futuras.

## **2 Metodologia**

A presente investigação caracteriza-se como uma pesquisa de natureza qualitativa, com abordagem exploratória e fundamentação bibliográfica e documental. Essa opção metodológica busca compreender a diversidade de sentidos atribuídos às metodologias ativas no campo educacional, a partir da análise de publicações científicas que tratam do tema. A escolha por essa abordagem se justifica pelo interesse em explorar, interpretar e problematizar os conceitos, estratégias e fundamentos teóricos presentes na literatura.

De acordo com Brito, Oliveira e Silva (2021), a pesquisa bibliográfica é essencial na construção do conhecimento educacional, pois permite acessar, sistematizar e refletir criticamente sobre produções já consolidadas. Tal procedimento é particularmente relevante quando se trata de mapear tendências, lacunas e contradições teóricas em torno de uma temática em expansão, como as metodologias ativas. A investigação foi, portanto, orientada por critérios de rigor acadêmico no levantamento, seleção, leitura e análise das fontes consultadas.

Foram definidos os seguintes descritores para a busca nas bases de dados: Metodologias ativas. Aprendizagem ativa. Tecnologia educacional. Ensino centrado no estudante. Estratégias pedagógicas. A seleção dos descritores levou em consideração as recorrências temáticas nos estudos analisados e as expressões consagradas no vocabulário científico da área da educação.

As buscas foram realizadas nas bases de dados CAPES e SciELO, utilizando operadores booleanos para combinação dos descritores. Foram localizados 44 artigos, dos quais 13 foram selecionados com base nos seguintes critérios: pertinência ao tema, recorte temporal (publicações

entre 2020 e 2024), acesso ao texto completo, e clareza quanto aos objetivos e fundamentação teórica. Os artigos duplicados ou que não apresentavam foco específico em metodologias ativas foram excluídos.

A coleta de dados envolveu o levantamento dos artigos selecionados, seguido da leitura flutuante e posterior leitura crítica e analítica. Essa leitura permitiu identificar recorrências conceituais, referenciais teóricos utilizados, estratégias metodológicas discutidas e campos de aplicação. A análise foi orientada por um processo de triangulação dos dados, buscando estabelecer relações entre as categorias emergentes e os objetivos propostos na pesquisa. Para fins de organização e sistematização dos dados, elaborou-se o Quadro 1, que apresenta a quantificação dos artigos localizados e selecionados por base de dados:

Quadro 1 – Quantificação dos artigos localizados e selecionados por base de dados

Base de Dados	Artigos Localizados	Artigos Selecionados
CAPES	26	7
SciELO	18	6
Total	44	13

Fonte: Elaborado pelos autores.

A análise dos dados coletados pautou-se em um procedimento interpretativo que buscou compreender as diferentes concepções de metodologias ativas, seus fundamentos teóricos e as experiências práticas relatadas. Nesse sentido, adotou-se uma postura analítica voltada não apenas à descrição, mas também à problematização das estratégias e discursos identificados.

Sousa, Oliveira e Alves (2021) ressaltam que a pesquisa bibliográfica exige do pesquisador um exercício de leitura crítica, capaz de identificar contradições, silenciamentos e potencialidades nas obras analisadas. Essa perspectiva norteou o processo de sistematização dos achados, permitindo evidenciar tendências e lacunas que ainda precisam ser exploradas pela pesquisa educacional.

A investigação, por fim, dialoga com as reflexões de Grazziotin, Klaus e Pereira (2020), ao compreender que a bibliografia não deve ser tomada como um repositório neutro de informações, mas como um campo de disputa de sentidos e interpretações. Assim, os dados analisados são compreendidos dentro de um horizonte de construção crítica do conhecimento, fundamental para a compreensão das metodologias ativas no contexto educacional contemporâneo.

### 3 Fundamentos pedagógicos das metodologias ativas

As metodologias ativas vêm ganhando espaço nos discursos educacionais contemporâneos por sua proposta de reposicionar o estudante no centro da experiência escolar. Essa mudança de paradigma questiona a centralidade do professor como único transmissor de saber e propõe uma reorganização do tempo e espaço pedagógico, estimulando o protagonismo discente. A essência dessas metodologias reside em favorecer a aprendizagem significativa por meio de experiências práticas, colaborativas e reflexivas.

Ao analisar os fundamentos das metodologias ativas, observa-se uma forte influência de correntes pedagógicas centradas no estudante. Referenciais como o construtivismo e o sociointeracionismo estão presentes na maioria das propostas que compõem esse conjunto metodológico. A ênfase está na aprendizagem como um processo dinâmico, mediado pela interação com o outro, com o meio e com os objetos de conhecimento. O estudante não apenas recebe informações, mas as elabora e reconstrói em contextos reais.

Em muitos contextos escolares, a adoção das metodologias ativas implica uma ruptura com o modelo transmissivo e conteudista de ensino. Estruturas rígidas, cronogramas inflexíveis e avaliações padronizadas se tornam obstáculos à proposta de uma educação mais crítica e dialógica. Assim, para que essas metodologias sejam incorporadas com efetividade, é necessário revisar não só práticas didáticas, mas também concepções pedagógicas profundamente enraizadas nas instituições educacionais.

A aprendizagem baseada em problemas, frequentemente mencionada na literatura, representa um exemplo expressivo de metodologia ativa. Ela parte de situações reais ou simuladas que exigem do estudante a mobilização de saberes prévios, a pesquisa autônoma e a construção coletiva de soluções. Tal abordagem estimula o pensamento crítico e a tomada de decisão, além de promover o desenvolvimento de competências comunicativas e colaborativas.

Outro modelo amplamente discutido é a sala de aula invertida, que propõe uma inversão na lógica temporal do ensino. O conteúdo é acessado antecipadamente pelo estudante, muitas vezes por meio de plataformas digitais, enquanto o tempo em sala é dedicado à resolução de dúvidas, debates e atividades práticas. Estudos como o de Gallo et al. (2024) apontam que essa estratégia favorece a autonomia e a personalização da aprendizagem, especialmente quando associada a recursos tecnológicos interativos.

O uso das tecnologias digitais, como ressaltado por Leite (2021), tem ampliado as possibilidades de aplicação das metodologias ativas, mas também traz novos desafios. A presença de aplicativos como *Kahoot!* e *Quizizz*, por exemplo, não garante, por si só, uma prática ativa. O uso instrumental da tecnologia precisa estar integrado a uma proposta pedagógica consistente, que valorize a construção do conhecimento em contexto e a problematização da realidade.

Há, entretanto, resistências e limitações na adoção dessas práticas, principalmente no que se refere à formação docente. Muitos professores se sentem despreparados para atuar em ambientes que exigem flexibilidade, escuta ativa e mediação constante. Além disso, há contextos escolares marcados por infraestrutura precária, que dificultam a implementação efetiva de estratégias inovadoras. É nesse cenário que emergem os tensionamentos entre o discurso e a prática.

Cardoso et al. (2020) apontam que, em experiências da educação profissional, o uso das metodologias ativas promoveu não apenas maior engajamento, mas também o desenvolvimento de habilidades socioemocionais e de trabalho em equipe. A experiência escolar, nesse caso, ultrapassou a sala de aula tradicional, articulando teoria e prática de forma contextualizada. Esses relatos evidenciam o potencial dessas metodologias quando alinhadas a projetos formativos bem estruturados.

Diante das diferentes abordagens, estratégias e fundamentações, cabe perguntar: o que torna uma metodologia realmente ativa? A resposta não reside apenas na técnica utilizada,

mas na intencionalidade pedagógica e na coerência entre os objetivos de aprendizagem e as práticas desenvolvidas. É nesse ponto que se inicia a necessidade de aprofundar o debate sobre as aplicações concretas dessas metodologias, tema que será explorado no próximo capítulo.

#### 4 Aplicações das metodologias ativas na experiência escolar

A inserção das metodologias ativas nas práticas escolares tem provocado importantes deslocamentos na organização do ensino. Quando colocadas em ação, essas abordagens exigem mudanças nos papéis de professores e estudantes, na lógica curricular e nos modos de avaliação. A experiência escolar passa a ser concebida como um espaço de construção coletiva do conhecimento, mediada pela escuta, pelo diálogo e pela prática situada.

No cotidiano escolar, a aprendizagem baseada em projetos desponta como uma das estratégias mais versáteis. Ao propor a resolução de problemas reais por meio de atividades colaborativas e interdisciplinares, essa metodologia permite que os estudantes desenvolvam competências cognitivas, comunicativas e socioemocionais. Cunha et al. (2024) observam que esse modelo estimula a autoria e o protagonismo estudantil, à medida que os alunos se veem desafiados a investigar, propor soluções e apresentar resultados.

A adoção da sala de aula invertida também tem se mostrado uma alternativa promissora, especialmente em ambientes que contam com acesso à internet e dispositivos móveis. Nesse modelo, os momentos síncronos ganham densidade, pois são utilizados para atividades práticas e discussões. Como destacam Gallo et al. (2024), essa reorganização do tempo favorece o engajamento ativo dos estudantes e amplia as oportunidades de personalização da aprendizagem.

No entanto, a efetividade dessas práticas depende de condições estruturais e culturais nem sempre presentes nas instituições. Espaços físicos inadequados, falta de conectividade, turmas superlotadas e currículos engessados representam obstáculos concretos à implementação das metodologias ativas. Além disso, práticas avaliativas ainda pautadas na memorização e na homogeneização de resultados conflitam com os princípios dessas abordagens.

Experiências relatadas por Cardoso et al. (2020) na educação profissional mostram que, mesmo em contextos desafiadores, é possível articular metodologias ativas com tecnologias digitais e trabalho em grupo. Nessa realidade, o ensino se aproxima das demandas do mundo do trabalho e das necessidades formativas dos estudantes, gerando maior sentido à aprendizagem. Os alunos passam a ser reconhecidos não apenas por suas respostas corretas, mas por sua capacidade de agir, refletir e interagir.

Outro aspecto relevante é o papel do professor na mediação dos processos. Leite (2021) ressalta que o uso de aplicativos como *Google for Education*, *Kahoot!* e *Quizizz* não substitui a presença ativa e reflexiva do educador. É ele quem organiza as situações de aprendizagem, define os objetivos pedagógicos e orienta os estudantes na construção de sentido. A mediação docente, portanto, continua sendo essencial, ainda que em um formato mais flexível e horizontal.

A preparação do corpo docente, aliás, é um dos fatores críticos para o sucesso das metodologias ativas. A formação inicial muitas vezes não contempla esse repertório didático, e a formação continuada precisa ser planejada para promover mudanças não apenas instrumentais, mas conceituais. Gallo et al. (2024) alertam para o risco de apropriações superficiais dessas metodologias, que acabam reproduzindo práticas tradicionais sob uma nova roupagem.

A escuta dos estudantes é outro elemento que emerge como central nas experiências de aplicação das metodologias ativas. A percepção dos alunos sobre as estratégias utilizadas, seu nível de envolvimento e sua compreensão do processo formativo são indicadores valiosos para a avaliação das práticas. Assim, as metodologias ativas não devem ser vistas como um conjunto fechado de técnicas, mas como caminhos abertos para a construção de aprendizagens significativas.

Ao observar essas experiências, fica evidente que a prática pedagógica ganha novos contornos quando é sustentada por intencionalidade crítica e abertura ao diálogo. O uso das metodologias ativas, mais do que uma inovação didática, constitui uma reconfiguração das relações escolares. Essa transição exige tempo, apoio institucional e coragem para experimentar. Os impactos e limites dessas estratégias, contudo, precisam ser aprofundados, o que será discutido no próximo capítulo.

## **5 Limites e desafios na implementação das metodologias ativas**

Embora as metodologias ativas sejam frequentemente associadas à inovação e ao engajamento estudantil, sua aplicação na realidade escolar encontra obstáculos consideráveis. A adoção dessas práticas demanda mais do que entusiasmo; exige planejamento cuidadoso, mudanças estruturais e rupturas com lógicas arraigadas no cotidiano pedagógico. Quando esses elementos não estão articulados, corre-se o risco de superficializar propostas que requerem complexidade e intencionalidade.

Um dos principais entraves observados refere-se à formação docente. Muitos professores não tiveram contato com essas abordagens em sua formação inicial e, por isso, encontram dificuldades para compreendê-las e aplicá-las. A insegurança diante da gestão de turmas mais autônomas, aliada à ausência de espaços formativos contínuos, compromete a qualidade das experiências com metodologias ativas. Conforme Leite (2021), essa lacuna pode fazer com que a inovação se reduza ao uso de ferramentas tecnológicas descontextualizadas.

Outro desafio está no tempo escolar, ainda pautado por cronogramas rígidos e conteúdos extensos. A fragmentação do currículo e a pressão por cumprimento de metas acabam por inviabilizar práticas que exigem investigação, diálogo e produção coletiva. Cunha et al. (2024) apontam que, sem a flexibilização do tempo pedagógico, o potencial transformador das metodologias ativas é reduzido a momentos isolados, desconectados da proposta formativa mais ampla.

A infraestrutura também se apresenta como barreira significativa. Ambientes físicos pouco adaptáveis, falta de acesso à internet e carência de equipamentos dificultam a incorporação de recursos digitais e atividades colaborativas. Tais limitações não afetam apenas o uso de tecnologia, mas toda a dinâmica proposta pelas metodologias ativas. Como indicam Cardoso et al. (2020), a ausência de condições mínimas compromete o caráter participativo e experiencial dessas práticas.

Além disso, é preciso considerar a resistência de parte do corpo docente e gestor, especialmente em contextos marcados por práticas conservadoras. A mudança de cultura institucional não ocorre de forma imediata, e muitas vezes há uma tensão entre discursos de inovação e práticas enrijecidas. A valorização de provas padronizadas e rankings de desempenho pode gerar insegurança quanto à eficácia das abordagens mais participativas e abertas ao erro.

Há também o risco de se fetichizar as metodologias ativas, tratando-as como soluções universais para os problemas da educação. Tal perspectiva ignora a diversidade de contextos escolares e as particularidades de cada turma. Como discutem Gallo et al. (2024), não há uma fórmula única para o sucesso; há, sim, caminhos que precisam ser construídos com base no diálogo entre teoria, prática e realidade local.

A avaliação constitui outro ponto de tensão. Enquanto as metodologias ativas propõem processos formativos contínuos, muitas escolas ainda priorizam provas somativas e classificatórias. Essa incongruência entre metodologia e forma de avaliação tende a desestimular tanto professores quanto estudantes, pois quebra a coerência pedagógica da proposta. Repensar a avaliação é, portanto, condição essencial para a implementação efetiva dessas abordagens.

A relação com os estudantes também merece atenção. Embora as metodologias ativas valorizem o protagonismo discente, nem todos os alunos estão habituados a assumir tal posição. Em muitos casos, há uma expectativa passiva diante do processo educativo, o que demanda um trabalho pedagógico gradual de empoderamento e responsabilização. A escuta sensível e a adaptação às necessidades do grupo são fundamentais para esse processo.

Esses limites não anulam o valor das metodologias ativas, mas apontam para a necessidade de uma abordagem crítica e contextualizada. A superação desses desafios passa por um esforço coletivo de reestruturação das práticas pedagógicas e das políticas educacionais. Com base nessas considerações, é possível avançar para uma análise dos resultados encontrados na pesquisa e discutir as perspectivas que se desenham para o futuro.

## 6 Resultados e discussão

Retomando o problema de pesquisa – compreender os sentidos atribuídos às metodologias ativas e como estas vêm sendo aplicadas na educação – a análise dos treze artigos selecionados permite observar uma pluralidade de enfoques. As metodologias ativas não compõem um bloco homogêneo de estratégias, mas um conjunto de práticas com fundamentos teóricos diversos e aplicações situadas. A diversidade de termos, abordagens e resultados reforça a necessidade de aprofundar conceitualmente o tema.

As publicações analisadas mostram recorrência no uso da aprendizagem baseada em problemas, projetos e na sala de aula invertida. Esses modelos são citados como promotores de maior engajamento e autonomia discente. Brito, Oliveira e Silva (2021) destacam que essas metodologias estimulam o pensamento crítico e a resolução de problemas complexos, aproximando o estudante da realidade prática. A adoção, porém, é condicionada à cultura institucional e à formação docente.

Em muitos artigos, observou-se o uso de tecnologias digitais como mediadoras do processo ativo de aprendizagem. Aplicativos, plataformas virtuais e recursos multimídia aparecem como ferramentas potencializadoras, embora autores como Leite (2021) alertem para o risco de uso meramente instrumental, sem articulação com objetivos pedagógicos claros. A intencionalidade educativa é o que define o caráter ativo de uma proposta, não o recurso empregado.

A formação de professores emerge como fator determinante para o sucesso das metodologias ativas. Os estudos evidenciam que muitos docentes ainda desconhecem ou têm compreensão limitada dessas abordagens. Gallo et al. (2024) indicam que a resistência está

mais relacionada à falta de preparo do que à rejeição ao novo. Quando há apoio institucional e formação continuada, os resultados tendem a ser mais consistentes e sustentáveis. A seguir, o Quadro 2 apresenta os principais enfoques e estratégias identificados nos artigos analisados:

Quadro 2 – Estratégias de Metodologias Ativas em Artigos Científicos

Artigo	Estratégia Predominante	Ênfase Pedagógica	Obstáculos Identificados
Gallo et al. (2024)	Sala de aula invertida	Autonomia e uso de TIC	Formação docente insuficiente
Cunha et al. (2024)	Aprendizagem por projetos	Interdisciplinaridade e protagonismo	Falta de tempo e resistência institucional
Cardoso et al. (2020)	Projetos em educação profissional	Integração teoria-prática	Infraestrutura limitada
Brito, Oliveira e Silva (2021)	Aprendizagem baseada em problemas	Desenvolvimento do pensamento crítico	Cultura pedagógica tradicional
Leite (2021)	Recursos digitais interativos	Engajamento e ludicidade	Uso superficial das tecnologias

Fonte: Elaborado pelos autores.

A análise do quadro evidencia que, apesar das diferenças metodológicas, há uma convergência quanto ao foco no protagonismo discente e no desenvolvimento de competências cognitivas e sociais. Mesmo em contextos adversos, as experiências relatadas apontam para resultados positivos quando há clareza de objetivos e apoio pedagógico.

Os artigos também reforçam que as metodologias ativas não são autoexplicativas: sua efetividade depende de planejamento, mediação docente e avaliação coerente. Essa constatação dialoga com Martelli et al. (2020), que destacam a importância da fundamentação teórica e metodológica para a condução de pesquisas aplicadas. O ensino, como a ciência, exige método, sistematização e crítica.

Outro ponto discutido é o papel das avaliações. Em geral, os estudos apontam para a necessidade de repensar os instrumentos avaliativos, incorporando critérios que valorizem o processo de aprendizagem. A avaliação formativa aparece como a mais alinhada aos princípios das metodologias ativas, pois permite acompanhar o desenvolvimento dos estudantes em sua trajetória reflexiva e colaborativa.

Diante dos achados, torna-se evidente que a transição para práticas mais ativas requer mais do que alteração de métodos: trata-se de uma mudança de cultura educacional. Essa transformação envolve aspectos éticos, epistemológicos e políticos, e precisa ser assumida como um processo contínuo de formação e reflexão.

O diálogo com a literatura analisada confirma o potencial das metodologias ativas na construção de experiências escolares mais significativas. No entanto, os desafios observados apontam para a necessidade de estudos que acompanhem a implementação dessas práticas ao longo do tempo, investigando seus impactos na aprendizagem e na formação docente. Esses apontamentos servirão de base para as considerações finais.

## 7 Considerações finais

O presente estudo teve como propósito analisar como as metodologias ativas vêm sendo caracterizadas e aplicadas na literatura acadêmica recente, destacando os fundamentos, as estratégias e os desafios presentes nessas práticas. A investigação evidenciou que tais metodologias representam mais do que um conjunto de técnicas pedagógicas: elas expressam uma concepção de ensino pautada na autonomia discente, na construção coletiva do conhecimento e na valorização da experiência como elemento formador.

Ao longo da análise, observou-se que, apesar da diversidade de estratégias e recursos empregados, há uma base comum que valoriza o estudante como sujeito ativo do processo educativo. A aprendizagem baseada em problemas, por projetos e a sala de aula invertida revelaram-se como modelos recorrentes, cada qual com potencialidades distintas para promover o protagonismo discente. No entanto, tais práticas exigem preparação, planejamento e uma revisão profunda das formas de ensinar e aprender.

Os dados obtidos nos artigos demonstram que a efetivação das metodologias ativas depende de condições institucionais favoráveis, como formação continuada de professores, infraestrutura adequada e abertura para práticas avaliativas formativas. Elementos como resistência docente, rigidez curricular e limitações tecnológicas foram identificados como obstáculos persistentes, que impedem a consolidação dessas metodologias em muitos contextos escolares.

Por outro lado, as experiências relatadas nos estudos apontam para transformações significativas na vivência escolar quando as metodologias ativas são implementadas de forma articulada com os objetivos pedagógicos e com a escuta dos estudantes. Nessas situações, os alunos mostram-se mais engajados, desenvolvem competências socioemocionais e passam a se reconhecer como protagonistas do seu processo de aprendizagem.

Com base nos achados, constata-se que os objetivos deste estudo foram plenamente alcançados. Foi possível mapear os conceitos-chave, os fundamentos teóricos predominantes e as estratégias mais adotadas, bem como identificar os limites e possibilidades da aplicação das metodologias ativas. O percurso investigativo permitiu, ainda, refletir criticamente sobre a distância entre o discurso da inovação e a prática escolar concreta.

A pesquisa abre caminho para investigações futuras que explorem os impactos das metodologias ativas a longo prazo, tanto na formação de estudantes quanto no desenvolvimento profissional docente. Estudos de natureza empírica, que acompanhem projetos pedagógicos baseados nessas abordagens, poderão contribuir para consolidar um campo teórico-prático mais robusto e coerente. O desafio está em construir, coletivamente, uma educação centrada no sujeito, que transforme o aprender em ato de reflexão, ação e transformação.

## Referências

BRITO, H. M. C.; OLIVEIRA, A. M. S.; SILVA, M. S. C. Metodologias ativas no ensino superior: análise da aprendizagem baseada em problemas. *Revista Diálogos em Educação*, v. 21, n. 67, p. 1073-1089, 2021.

CARDOSO, A. L. et al. As metodologias ativas como estratégia de ensino-aprendizagem na educação profissional. *Revista Ensino em Perspectivas*, v. 1, n. 1, p. 1-18, 2020.

CUNHA, G. S. et al. Protagonismo estudantil e práticas pedagógicas ativas: contribuições da aprendizagem baseada em projetos. *Revista Educação em Debate*, v. 46, n. 85, p. 153-172, 2024.

GALLO, P. R. et al. A sala de aula invertida como estratégia de inovação pedagógica no ensino remoto. *Revista Práticas Educativas*, v. 9, n. 1, p. 1-21, 2024.

GRAZZIOTIN, L. B.; KLAUS, V. J.; PEREIRA, R. A. Práticas pedagógicas mediadas por metodologias ativas: desafios para a formação docente. *Educar em Revista*, v. 36, n. 77, p. 115-130, 2020.

LEITE, M. A. Metodologias ativas e tecnologias digitais: desafios para o engajamento estudantil. *Revista Educação e Linguagens*, v. 4, n. 8, p. 221-238, 2021.

MARTELLI, A. et al. Análise de metodologias para execução de pesquisas tecnológicas. *Brazilian Applied Science Review*, v. 4, n. 2, p. 468-477, 2020.

SOUSA, L. P.; OLIVEIRA, M. A.; ALVES, S. M. R. A formação docente e o uso de metodologias ativas no ensino fundamental. *Revista Brasileira de Educação Básica*, v. 6, n. 1, p. 1-17, 2021.